

enel  
apresenta



# Ficha técnica

## CRÉDITOS

### Curador

Gilson Plano

### Comissão julgadora

Ariana Nuala  
Nutyelly Cena  
Gilson Plano

### Produção

Malu da Cunha

### Coordenação

Antonio da Mata

### Projeto Gráfico e Plataforma Digital

Lucas Ywamoto  
Sharmaine Caixeta

### Coordenação de educação

Anna Luisa Oliveira

### Comunicação e Assessoria de Imprensa

Seven Star  
Aline Borba

### Artistas

Aline Brune, Amador e Jr. Segurança Patrimonial Ltda, Âmbar Pictórica, Ana Flávia Marú, Arthur Monteiro, Benedito Ferreira,, Cássia Nunes,, Débora Arruda, Diego de Santos, Escuta, Fluxos do Atlântico Sul, Guilhermina Augusti, Isabela Jaha, Jaíne Muniz, Laila Terra, Marcus Vinícius Barbosa Deusdedit, Mauricio Igor Neves Almeida de Almeida, Meujaela Gonzaga, Natan Dias e Sophia Pinheiro.

## MUSEU DE ARTE DE GOIÂNIA

### Prefeitura de Goiânia

Rogério Cruz

### Secretaria Municipal de Cultura

Zander Fábio Alves da Costa

### Chefia de Gabinete

Lidiane Dias Barbosa

### Supervisão Administrativa

Antônio da Mata

### Acervo/Reserva Técnica

Maria de Pádua

### Equipe curatorial do MAG

Doris Dey de Castro Pereira  
Enauro de Castro  
Maria de Pádua  
Yara de Pina Mendonça

### Restauração e Conservação

Lorrane Deus Filemon  
Luciane Ucella  
Reis Ribeiro Neri

### Recepção

Alberto Jorge Barroso Araújo  
Antônia Marsônia de Lima  
Fábio dos Santos Souza  
Hélio de Macedo e Silva Filho  
José Maurício Martins Mustafé  
Miguelina Pereira de Souza Franca  
Paulo Victor Fernandes de Assis  
Wellington Domingos Soares

### Montagem da Exposição

Alberto Jorge Barroso Araújo  
José Maurício Martins Mustafé  
Paulo Victor Fernandes de Assis  
Wellington Domingos Soares

### Apoio Administrativo

Ana Lídia Rodrigues Dias  
Luzia Faria Rocha  
Maria da Conceição Campos Araújo Santos



# Existir no inacreditável

Há alguns anos atrás, estava em um fim de tarde comum, conversando com pessoas amigas sobre a vida, sobre o futuro e os desejos do que queríamos criar como arte. Naquele dia, essa edição da sala compacta começou a ser imaginada, motivada por um diálogo sobre uma das artistas que me relatou o desejo de realizar uma obra que, apesar de ser uma ideia simples, naquele momento produzir o trabalho seria impossível, por questões financeiras, logísticas e até mesmo políticas. Apesar do procedimento artístico só existir pela narrativa que ouvia, as reflexões que operam em relação à obra eram tão potentes, que a meu ver, mereciam ser compartilhadas, existindo também para um público maior do que a informalidade de uma conversa de fim de tarde.

A sala compacta é um programa desenvolvido para colecionar e exibir pesquisas em arte contemporânea que tensionam os limites da realidade material. Por isso, essa edição se dedica a apresentar arte como projeto, aproximando-se do que existe de mais experimental no processo de investigação artística, na tentativa de compartilhar com os públicos obras de arte que ainda não são viáveis ou mesmo irrealizáveis. As dezoito pessoas artistas e os dois coletivos reunidos aqui usam estratégias diferentes no desenvolvimento de suas

pesquisas: vídeos, projetos gráficos, PDF`s, fotografias, desenhos, livros, pinturas, 3D`s, gifs, arquivos digitais e analógicos, utilizando-se formalmente de novos e antigos recursos para compartilhar imagens que, por vezes, só poderiam existir como ideias.

A seleção, com 369 aplicações de artistas das cinco regiões do país, desafiou nossa própria percepção e crença nos formatos que poderiam se apresentar enquanto projeto. Os cadernos de artistas, papel e lápis passaram a dividir espaço com software de criação de imagem e edição; drones com câmeras aéreas; mapas digitais e uma série de plataformas que colaboram na conversão de pensamentos em visualidades. Estivemos também atentos a contemplar artistas de territórios diversos e com modos distintos de formularem suas investigações. Sem dúvida, olhamos para as trajetórias, com a delicadeza de ler também os projetos de artista, que podem levar uma vida para se consolidarem, sendo essa indicação uma sinalização de continuidade aos planos que serão ainda criados, mesmo que hoje ainda sejam inacreditáveis.

**Gilson Plano**  
Curador

# Artistas

<b>Aline Brune</b> .....	5
<b>Amador e Jr. Segurança Patrimonial Ltda.</b> .....	7
<b>Âmbar Pictórica</b> .....	9
<b>Ana Flávia Marú</b> .....	11
<b>Arthur Monteiro</b> .....	13
<b>Benedito Ferreira</b> .....	15
<b>Cássia Nunes</b> .....	17
<b>Débora Arruda</b> .....	20
<b>Diego de Santos</b> .....	22
<b>Escuta</b> .....	24
<b>fluxos do atlântico sul</b> .....	26
<b>Guilhermina Augusti</b> .....	28
<b>Isabela Jaha</b> .....	30
<b>Jaíne Muniz</b> .....	32
<b>Laila Terra</b> .....	34
<b>Marcus Deusdedit</b> .....	36
<b>Mauricio Igor</b> .....	38
<b>Meujaela Gonzaga</b> .....	42
<b>Natan Dias</b> .....	44
<b>Sophia Pinheiro</b> .....	46

# tive um sonho panfletário,

Aline Brune

## **um trecho de sonho de Aline Brune.**

Sonhei com Mano Brown e Lula sentados no sofá da casa de vó. Deitada com aquela cena inusitada,

ia em direção à Mano Brown em gesto de lhe pedir a benção. Depois do cumprimento de admiração e respeito à Mano Brown, olhava pra Lula confusa sobre o que fazer ou falar, com eles ali

sentados no sofá da casa de vó. No sonho, quase a criança filha do servidor público entusiasta do Sindicato dos

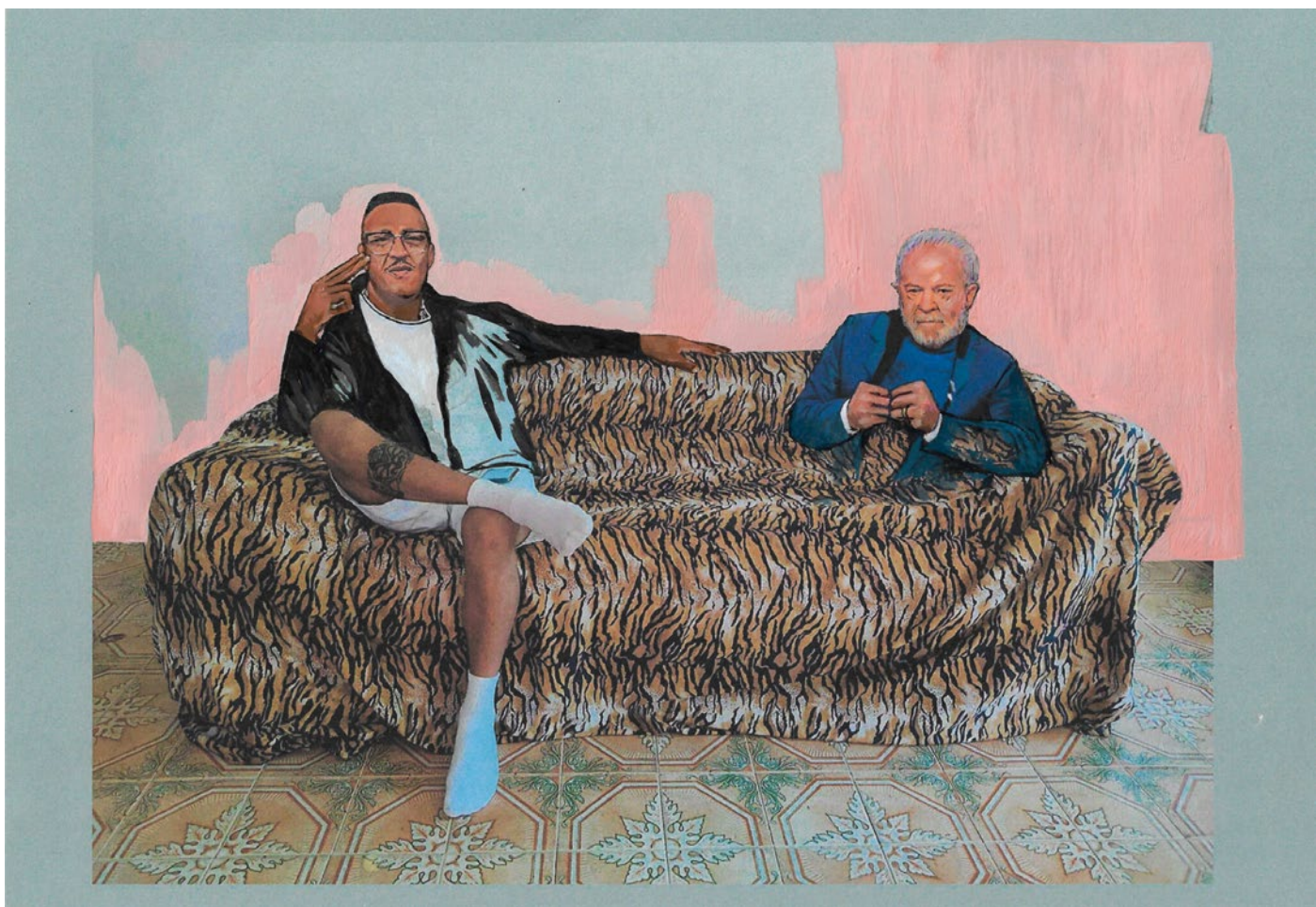
Trabalhadores com os olhos brilhando, quase frustrada, ao mesmo tempo, por não termos outra opção - pensando em estatística - senão transformá-lo no candidato herói que vai salvar o país dessa praga política instaurada.

Uma vontade de gritar “Lula lá!” ou “Fora Bolsonaro!” e uma vontade também de dar uma espécie de bronca pelo seu posicionamento

eskorregadio na discussão acerca de identidade racial, típico de esquerda branca.

Lula, nesse mundo todas/os têm cor.

Mas haverá de ser 13, 2022.



Título: tive um sonho panfletário.

Artista: Aline Brune

Técnica: Pintura sobre fotografia (em andamento) e trecho de sonhário

Dimensões: 20cm x 27cm (cada)

Ano: 2022

# Escuta /

# Visão

## escuta

Os seguranças realizarão suas funções utilizando um microfone, estilo lapela. Ao mesmo tempo, essa captação sonora poderá ser escutada através de fones de ouvido, à distância.

Dentre as diversas práticas de vigilância existentes, a captação sonora está associada a atuações furtivas ou escusas, como um grampo telefônico em um ato de espionagem. O que combina com o ambiente de exposições de arte, usualmente locais de voz baixa e poucos distúrbios sonoros. Nessa perspectiva, a Amador e Jr. Segurança Patrimonial Ltda. oferece Escuta.

Nossa equipe realizará suas atividades portando um microfone, estilo lapela, durante todo o procedimento. Assim, será possível captar as sonoridades realizadas pelo segurança e as reações ao seu redor. De maneira síncrona, será disponibilizado ao público um dispositivo com fones de ouvidos, para escutarem o que está sendo captado, em tempo real, pelo microfone do segurança.

Com esse sistema de escuta, desejamos dar transparência aos diálogos envolvendo os agentes de segurança patrimonial e os demais agentes e frequentadores dos espaços institucionais de arte. Apontando, assim, a ilibada conduta da instituição contratante para com os seus públicos, expondo suas conversas e sons, sem qualquer receio.

Para uma apresentação de qualidade e melhor vocação da democracia e transparência, nos contrate. Amador e Jr. Segurança Patrimonial Ltda.: na Escuta!

ESCUTA



OS SEGURANÇAS REALIZARÃO SUAS FUNÇÕES UTILIZANDO UM MICROFONE, ESTILO LAPELA. AO MESMO TEMPO, ESSA CAPTAÇÃO SONORA PODERÁ SER ESCUTADA ATRAVÉS DE FONES DE OUVIDO, À DISTÂNCIA.

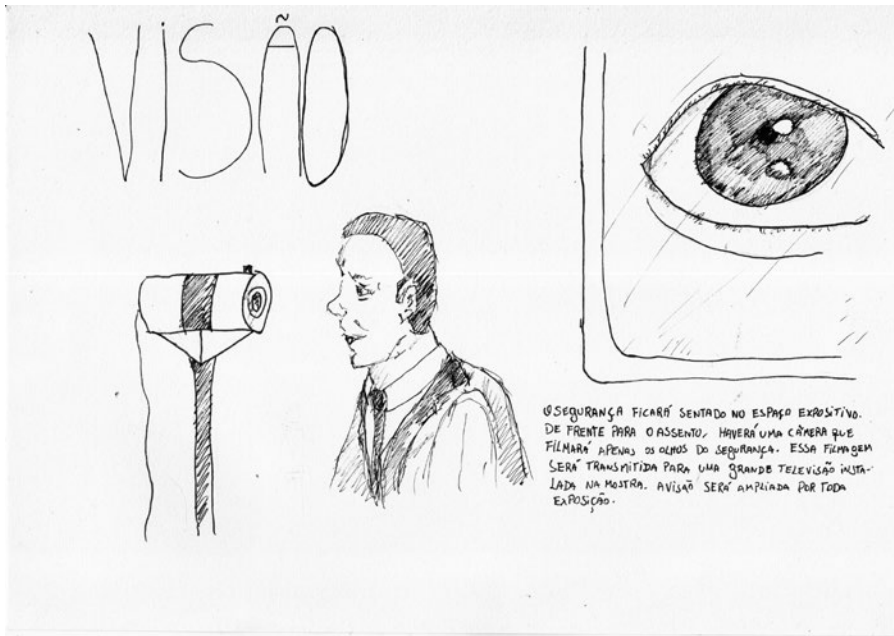
**Título:** escuta

**Artista:** Amador e Jr. Segurança Patrimonial LTDA

**Técnica:** naquim sobre o papel

**Dimensões:** 21cm x 29, 7cm

**Ano:** 2022



**Título:** visão  
**Artista:** Amador e Jr. Segurança Patrimonial LTDA  
**Técnica:** naquim sobre o papel  
**Dimensões:** 21cm x 29, 7cm  
**Ano:** 2022

O segurança ficará sentado no espaço expositivo. De frente para o assento, haverá uma câmera que filmará apenas os olhos do segurança. Essa filmagem será transmitida para uma grande televisão instalada na mostra. A visão será ampliada por toda exposição.

Dentre as diversas medidas de segurança patrimonial, a vigilância que utiliza câmeras em circuito fechado de televisão é uma das mais comuns em museus e centros culturais. Essa medida não está apenas circunscrita a este campo, mas ao amplo espectro de medidas de segurança patrimonial privadas e públicas, em variadas áreas. Um exemplo quase onipresente disso é a clássica placa de advertência “Sorria! Você está sendo filmado.”

Um dos pressupostos para a adoção dessa medida de segurança é a necessidade de ter uma visão ampla e total do espaço a ser salvaguardado. Pois a atuação da vigilância patrimonial se dá de maneira preventiva e

sistêmica na proteção e preservação dos ambientes. Temos esse aparato tecnológico de vigilância através de câmeras, mas também a pessoa que interpreta esse dado e atua diretamente na sua instrumentalização, o segurança; que pode estar fisicamente no espaço que está sendo filmado ou em outro espaço, que recebe as imagens do lugar salvaguardado.

Assim, é através da visão e observação ostensiva que a segurança patrimonial atua preventivamente. Podemos aqui trazer o conceito de panóptico e a leitura de Michel Foucault. De maneira sintética, o panóptico é uma estrutura arquitetônica de vigilância que possibilita a visão de toda uma região que necessita de observação utilizando o mínimo de recursos humanos. No exemplo clássico, um único guarda consegue observar todos os prisioneiros, sem que eles saibam se isso acontece de fato. Foucault irá ler que essa estrutura produz um estado importante na subjetividade das pessoas, que é a sensação constante de vigilância e a perpetuação do funcionamento do poder. Para além da ação em si, ela provoca nas pessoas um estado de vigilância permanente, mesmo se a estrutura não estiver mais em funcionamento – “Sorria! Você está sendo filmado.”

Visão deseja atuar assim. A relação direta entre a câmera e os olhos do segurança: colocar essas duas figuras de vigilância apontadas uma para outra. Dois aparatos ostensivos de observação. A partir desse confronto, será produzida uma imagem em movimento, os olhos do segurança captados pela câmera. Essa imagem será transmitida para uma grande televisão instalada no espaço expositivo. O público desse lugar será defrontado por dois grandes olhos. Dois olhos que podem estar observando, ou não. É possível instaurar esse estado de vigilância apenas com a transmissão do olhar? Pois é importante lembrar que esse olhar, transmitido, será sempre um olhar do passado, encarado pelo público do presente, devido ao delay da captação e transmissão da câmera.

Um segurança sentado. De frente para ele, uma câmera filmando os seus olhos. Uma câmera ligada em uma grande televisão, próxima a ele. A filmagem da câmera transmitida para a televisão, exibindo seus olhos vigilantes.

Adquirir já!



# 16 caminhos para se kurar de branco

16 referenciando aos 16 odus do Candomblé e os arquétipos que esses caminhos se relacionam.

Após romper com o terreiro que fazia parte, passei a pensar em como reivindicar meu direito a exercer a espiritualidade, a fazer magia, mas em diferentes ambientes, sob diferentes referenciais. Decolonizar os dogmas candomblecistas que me acompanham é um deles, sem negá-lo. A narrativa a se construir dos 16 odus seria no campo da arte, como propulsoras de momentos de kura; sendo kura o cuidado, a ferida, o movimento transformador a ser provocado pela arte da performance.





16 performances, em 16 cidades de Goiás, que envolvam ao menos mais uma pessoa.

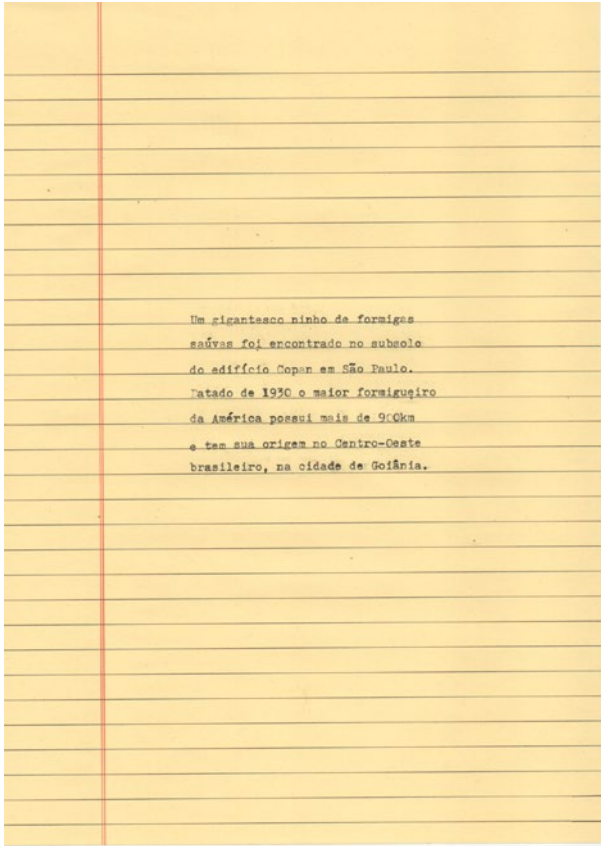
- “Duas cabeças sempre pensam melhor que uma”
- esse projeto foi conceitualizado em início, e teve início conceitualmente com a tatuagem “axé” e “exu” em cada antebraço. Foram tatuagens feitas com o dinheiro de arte, significava sonho e compromisso, para que um dia pudesse realizar as 16 ações, 16 viagens.
- Registrar e publicar em fotografia e coleta de objetos,
- Datar e expor produções feitas no caminho.

# Projeto

# Formigueiro

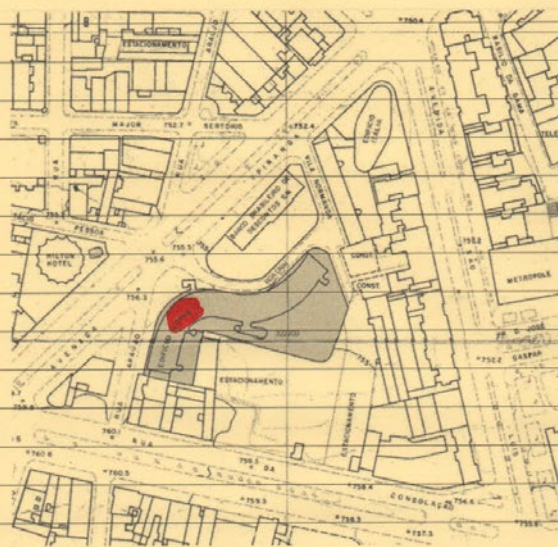
Projeto de construção do formigueiro no subsolo do Edifício Copan. O formigueiro ocupa a parte Oeste do edifício, com a base no Subsolo 2 e avança também para o nível do Subsolo 1, Térreo e a Sobreloja. Possui raio de 20 metros e altura de 11,60 metros. O que equivale aproximadamente a um volume de 4.856 m<sup>3</sup> de terra. Serão necessários cerca de 809 caminhões de terra para sua criação.

Ana Flávia Marú



Um gigantesco ninho de formigas  
saúvas foi encontrado no subsolo  
do edifício Copan em São Paulo.  
Fundado de 1930 o maior formigueiro  
da América possui mais de 90km  
e tem sua origem no Centro-Oeste  
brasileiro, na cidade de Goiânia.

Projeto formigueiro



■ formigueiro



$$V = \frac{1}{3} \cdot \pi \cdot r^2 \cdot h$$

$$r = 20m$$

$$h = 11,60m$$

$$V = 4.856m^3$$

$$1 \text{ caminhão de terra} \approx 6m^3$$

$$809 \text{ caminhões de terra} \approx 4.856m^3$$

Título: Projeto Formigueiro

Artista: Ana Flávia Marú

Técnica: Impressão, escrita em máquina e nanquim s/ papel pautado.

Ano: 2022

# estratégias e estruturas

Arthur Monteiro



Título: estratégias e estruturas.  
Artista: Arthur Monteiro  
Técnica: videoarte  
Dimensões: 4'23"  
Ano: 2022

A videoarte aqui apresentada parte do contexto de uma pesquisa prático-teórica que tenho desenvolvido nos últimos anos acerca do desenho, buscando por produzir e investigar as questões e modos de operar que essa produção veicula.

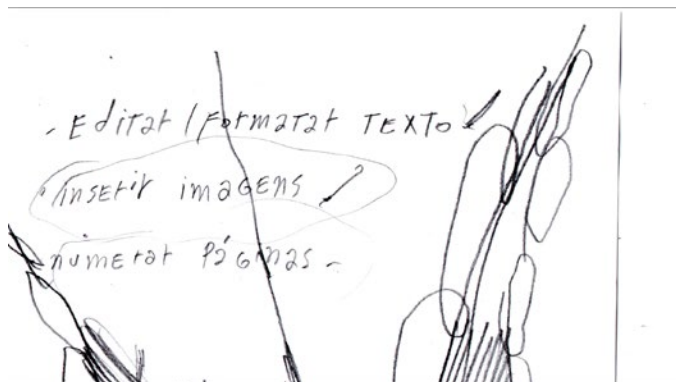
Apesar de ter o desenho como foco, esse processo é amparado e alimentado por diversas frentes, e desponta no surgimento de outros materiais – como anotações, gravações, digitalizações de documentos e imagens impressas, poesias, grifos, músicas, etc. – que acabam por estabelecer o território sobre onde o desenho desponta.

Intenta-se nessa videoarte trazer o olhar para esse material, numa tentativa de investigar as instâncias em que o meu trabalho é projetado; como também organizá-lo de modo a operar como objeto artístico, trazendo consigo uma nova camada de significados, associações, sugestões e procedimentos.

Compreendo tais materiais como estruturas sobre onde a minha pesquisa visual se projeta, pensando que esse projeto se dá de maneiras diversas: ele existe nas anotações de ordem prática, como as listas de tarefa e de ideias; existe nos acúmulos de materiais que me instigam e oferecem caminhos para o exercício poético, como as digitalizações de impressos e as músicas; e também existe nos materiais que remetem à instância de uma reflexão teórica, como os grifos em textos ou gravações de falas minhas.

São matérias vivas no meu processo, às quais frequentemente recorro na construção dos desenhos, que nascem desse convívio diário com tais materiais e com as outras instâncias da vida cotidiana. Julgo este ser um processo muito aberto a acasos e improvisos que muitas vezes escapam às ideias de planejamento e controle comumente associadas ao que entendemos por projeto.

Aqui sugiro pensarmos o projeto em arte menos como um planejamento preciso, ou como a esquematização de uma ideia a ser materializada, e mais como um ponto de partida de onde se iniciam percursos que muitas vezes não enunciam seu ponto de chegada.



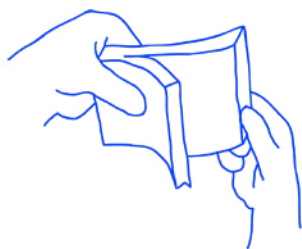
I

a ativação de um estado  
poético ou atento  
as margens de um estado federativa  
bolívia  
são muitos os enganos e ilusões que devemos ter jogo de cintura  
para atravessá-los. o rubens fala umas coisas muito interessantes  
uma foi o que o amigo psicanalista dele disse  
de que a gente erra sempre no mesmo lugar  
porque nosso corpo faz a mesma coisa do mesmo jeito

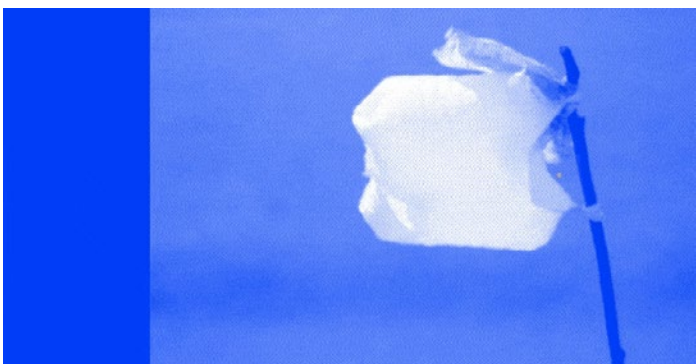
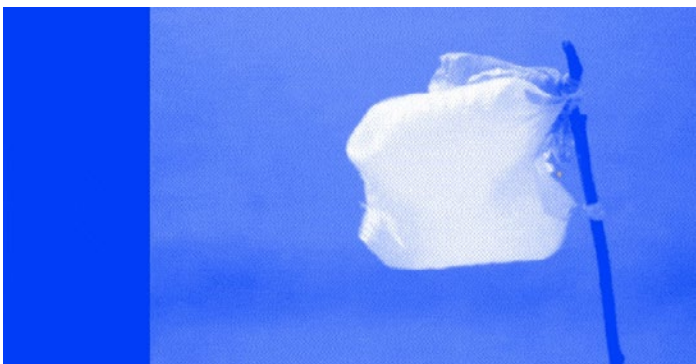
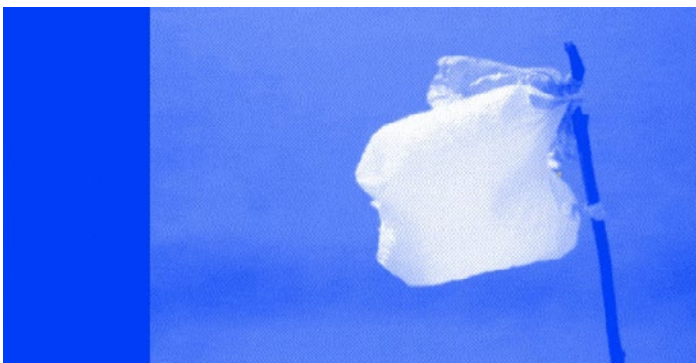
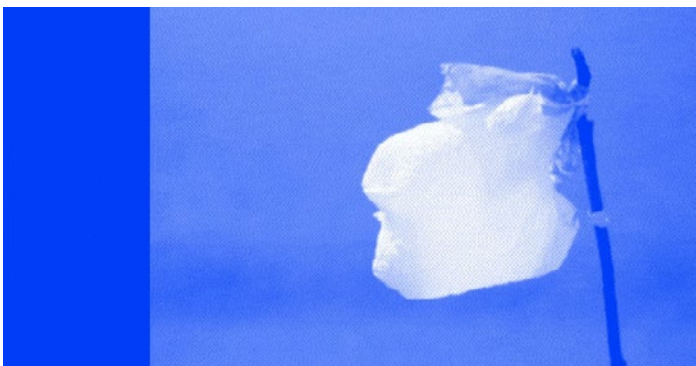


# Arapuca para capturar o vento do cu do mundo

Benedito Ferreira



Arapuca para capturar o vento do cu do mundo é um flipbook feito para ser impresso exclusivamente em lan-houses no Faina (GO). O livro apresenta um conjunto de instruções para os seus leitores, como propor um novo título para o trabalho ou mesmo atribuir uma outra autoria em sua ficha catalográfica. Desenvolvo uma arapuca de sacola plástica e galho de árvore para capturar o vento do Faina, município goiano que fez parte da Cidade de Goiás até 1989, quando foi emancipado. É comum entre os goianos a expressão de que o Faina é longe demais, que é ruim, o cu do mundo.

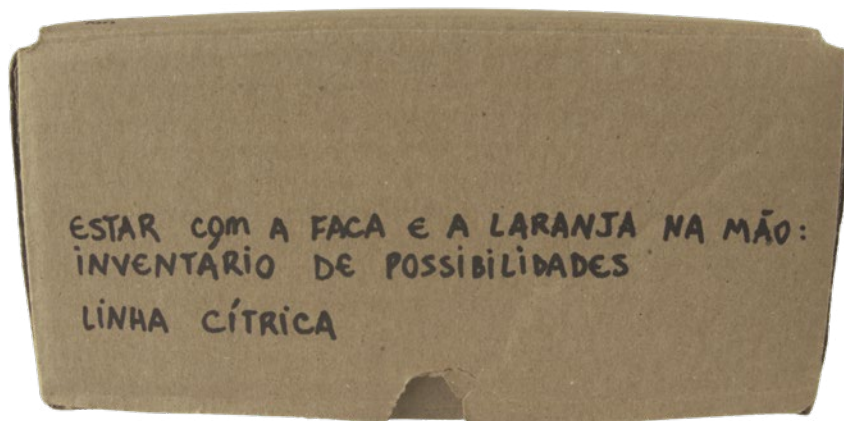


Título: arapuca para capturar o vento do cu do mundo  
Artista: Benedito Ferreira  
Técnica: livro digital  
Dimensões: 7,5 x 12,5 cm  
Ano: 2022  
Colaboração: Gabriel Godinho



# Linha cítrica (Série “Estar com a faca e a laranja na mão: Inventário de possibilidades”)

Cássia Nunes



O trabalho envolve a realização de medições para criar uma linha cítrica conectando as cidades de Goiânia-GO e Rio de Janeiro-RJ. A linha é composta por cascas de laranjas descascadas pelos habitantes dos municípios cortados pelas rodovias do caminho escolhido, sendo este aquele que passa pelo município de Uberaba-MG, conforme indicação do aplicativo Google Maps. As cidades que definem início, fim e alternativa de percurso fazem parte da minha trajetória de vida. Onde nasci e atualmente vivo e estudo. Nasci em Uberaba-MG, vivo em Goiânia-GO e faço Mestrado em Artes da Cena na UFRJ no Rio de Janeiro-RJ. A rota é formada por 58 municípios ao longo de 1.345,6Km: Goiânia, Aparecida de Goiânia, Hidrolândia, Professor Jamil, Morrinhos, Itumbiara, Araporã, Tupaciguara, Uberlândia, Uberaba, Delta, Igarapava, Aramina, Ituverava, Guará, São Joaquim da Barra, Orlândia, Ribeirão Preto, Cravinhos, Porto Ferreira, Pirassununga, Leme, Araras, Limeira, Americana, Sumaré, Campinas, Valinhos, Itatiba, Atibaia, Bom Jesus dos Perdões, Nazaré Paulista, Igaratá, Jacareí, São José dos Campos, Caçapava, Taubaté, Pindamonhangaba, Roseira, Aparecida, Guaratinguetá, Lorena, Canas, Cachoeira Paulista, Silveiras, Queluz, Itatiaia, Resende, Porto Real, Barra Mansa, Volta Redonda, Pirai, Seropédica, Queimados, Nova Iguaçu, Belford Roxo, São João do Meriti e Rio de Janeiro.



Estimada Ricarda Alvarenga,

Lhe remeto esta carta-laranja para convidá-la a participar do projeto “Linha Cítrica” da série intitulada “Estar com a faca e a laranja na mão - Inventário de possibilidades” na condição de articuladora local no município de Uberlândia-MG.

O trabalho propõe conectar as cidades de Goiânia-GO e Rio de Janeiro-RJ através de uma linha contínua formada por cascas de laranjas. Elas serão descascadas por habitantes dos municípios cortados pelas rodovias que compõem um dos caminhos indicados no aplicativo de pesquisa de mapas e rotas.

Para tanto, tramaremos uma rede formada por uma artista residente em cada um dos cinquenta e oito municípios. As correspondentes do projeto mobilizarão a descascagem coletiva junto à população local a fim de cobrir o trecho respectivo até alcançar a cidade vizinha.

Certa de contar com sua prestimosa colaboração, coloco-me à disposição para maiores informações!

Atenciosamente,

Cássia Nunes



Título: Linha cítrica (Série “Estar com a faca e a laranja na mão: Inventário de possibilidades”)

Artista: Cássia Nunes

Técnica: Caixa de papelão, laranja, redinha para laranja

Dimensões: 19 x 13 x 8,5 cm

Ano: 2021

# álbum de estrelas

Débora Arruda



Título: Álbum de estrelas  
Artista: Débora Arruda  
Técnica: videoperformance  
Ano: 2022

Algumas semanas antes de gravar essa performance, sonhei com o meu pai cobrindo a janela do meu quarto com um manto roxo, fino, com vários buraquinhos. Nós, indígenas, nos guiamos pelos sonhos, pois é por meio deles que continuamos a conversar com nossos ancestrais.

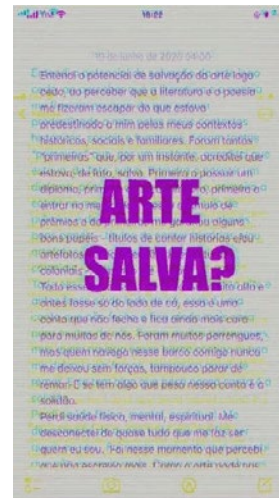
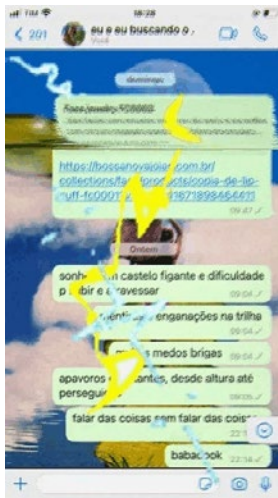
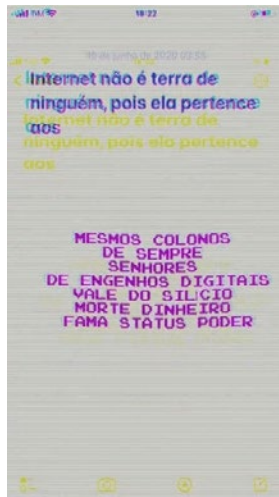
A performance Álbum de Estrelas desenvolve o primeiro diálogo realizado entre nós, após o seu encantamento.

## **“Os sonhos tendem a ser muito mais radicais que a ‘realidade’. Por isso estão mais perto da arte que da vida”<sup>1</sup>**

A performance é uma obsessão. Ela rastreia, sente, descreve, mergulha, silencia. Depois começa tudo de novo. Barulho. Geralmente esse processo nos invade, passeando por todas as células e átomos do nosso corpo. Escorre com os fios. Perdemos os cabelos. Depois de ter perdido muitos fios no processo de luto, resolvi mapear as faltas e os espaços vazios deixados. Percebi que tudo ao meu redor tinha se transformado em lacunas. Apesar de ter continuado, me ausento. Não sei até que ponto estou presente no mundo.

Álbum de estrelas é um diálogo, um pedido de socorro e também um processo de cura. Contraditório e confuso, ele brinca com as fronteiras de forma lenta, assim como a sutil mudança de temperatura que pode ser visualizada no vídeo. O texto e o álbum trazem duas comunicações distintas: a mulher, filha mais velha, que acompanha o pai no hospital durante poucos meses, ao lidar com um câncer em estado terminal e muitas palavras engasgadas, e a criança, que não sabia que era a mais velha, apenas filha, sentindo falta do seu protetor e companheiro de álbum de figurinhas.

<sup>1</sup>Em defesa da arte da performance, Guillermo Gómez-Peña, 2011.



Em CADERNO DE ARTISTA compartilho o meu processo de criação, as minhas anotações e sonhos registrados em um bloco de notas do meu celular e em um grupo de whatsapp, do qual sou a única participante. As intervenções realizadas nas imagens, por meio dos gifs, consistem em um exercício de reflexão sobre o meu próprio trabalho.

Título: Caderno de Artista  
Artista: Débora Arruda  
Técnica: gif arte  
Ano: 2022

# Eu \$ Jeri

Diego de Santos

O projeto foi pensado no segundo semestre de 2022, quando foi divulgado que Jericoacoara, no litoral oeste cearense, estava indo a leilão por meio de um contrato de concessão, com previsão de investimentos de R\$ 1,2 bilhão pelos próximos 30 anos. Jericoacoara está entre os destinos paradisíacos mais visados nacional e internacionalmente, pois há anos desperta interesses de iniciativas privadas, especialmente do segmento imobiliário. O que era apenas uma vila de pescadores desconhecida até os anos 80, hoje conta com estruturas de luxo como restaurantes e resorts à beira mar, além de uma contraditória Taxa de Turismo Sustentável para permanência no local. Jeri, como é normalmente chamada, já apresenta os impactos da forte especulação, como violência e degradação ambiental.

Em Jericoacoara, assim como em várias praias do Ceará, é comum a criação de cenários para registros fotográficos de turistas. Entre eles estão redes nas lagoas, jangadas com frases estampadas nas velas e os famosos letreiros “EU AMO...” ou “EU <3...”. A ideia do projeto “EU \$ JERI” é recriar esses cenários (jangadas e letreiros) em que o cifrão, símbolo universal do dinheiro, apareça indicando a privatização dessa paisagem, podendo ser interpretado como “EU ESPECULO JERI”, “EU CAPITALIZO JERI” ou “EU GASTO EM JERI”.





Título: Eu \$ Jeri  
Artista: Diego de Santos  
Técnica: Desenho  
Dimensões: 21x30 cm  
Ano: 2022

# Projeto de Arquitetura para Concurso de Habitação de Interesse Social

OBRA

projeto de arquitetura para  
concurso de habitação de  
interesse social

Ficha Técnica

Nome	Projeto de Arquitetura para Concurso de Habitação de Interesse Social
Autor	Escuta Tendo neste trabalho a autoria de Ana Flávia Marz, Octávio Scapin e Pedro Henrique Oliveira
Ano da Obra	2020
Tipo	3 Pranchas digitais de projeto arquitetônico
Formato	42x29cm
Texto Descritivo (deve acompanhar a obra na ficha técnica da exposição)	Dia 19 de fevereiro de 2020 era o prazo final para a entrega das propostas do Concurso de Habitação de Interesse Social promovido pelo Conselho de Arquitetura e Urbanismo de Goiás (CAU-GO). Às 11:20 deste dia fomos até o Edifício Concept Office para fazer a entrega das três pranchas impressas em formato A3 (42x29) que compunham nossa proposta. Ao adentrar no edifício do conselho e ir de encontro do recepcionista, este nos informou que o CAU-GO estava funcionando em uma sala do mezanino e não no andar que abriga a sede, devido a um problema de ordem estrutural. Os funcionários pareciam um tanto preocupados com o que estava ocorrendo. Enquanto procurávamos papéis para a impressora, começamos a comentar sobre a grande quantidade de água que vindo do conselho, alegou a sala de uma advogada no andar de baixo. "A água desceu pelo shaft e escorreu tudo na parede dela. O pessoal tá lá em cima querendo ligar energia com tomadas submersas". Perguntei para o rapaz que me atendeu, "o que aconteceu com a sala do conselho?", e ele respondeu, "inundou, nesse madrugada o andar todo do conselho foi inundado".



1) Pesquisa visual do projeto arquitetônico - consultando fontes diversas, de modo a estabelecer um diálogo. Segundo Francisco de Paula (2019), "a arquitetura no século XXI não é mais apenas a arte de construir edifícios, mas também a arte de construir relações".

DO SILÊNCIO À ESCUTA  
Projeto Arquitetônico para Concurso de Habitação de Interesse Social





# crossing archives

fluxos do atlântico sul

Realizamos o projeto crossing archives com o propósito de compartilhar investigações e processos artísticos sobre os fluxos da diáspora afrobrasileira.

12 artistas e curadores se debruçaram sobre acervos de arte e de objetos africanos e desenvolveram formas de pensar/ provocar diálogos entre as diásporas afrobrasileiras.

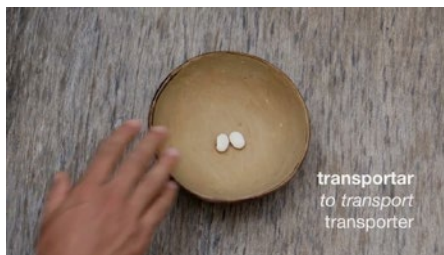
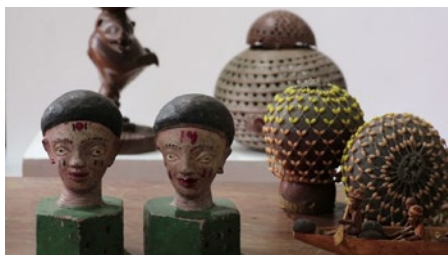
Nós somos o coletivo Fluxos do Atlântico Sul, situado em Salvador (BA), e desenvolvemos investigações e projetos artísticos em diálogos da afrodíspora. Os processos artísticos se configuram a partir/em acervos, conectando lugares, pessoas, objetos e histórias, por meio de diversas mídias e técnicas, com a proposta de desenvolver perspectivas críticas contemporâneas. Nesta obra somos Adriano Machado, Aislane Nobre, Ines Linke, Isabela Seifarth, Lia Krucken, Lucas Feres, Lucas Lago, Luisa Magaly, Marcos Sá, Mário Vasconcelos, Pedro Silveira e Uriel Bezerra e tivemos a colaboração da Duna ateliê. Continuamos desenvolvendo processos de investigação artística, envolvendo novas conexões, lugares e acervos.

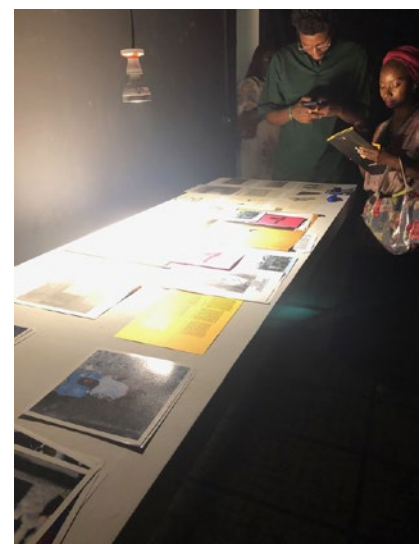
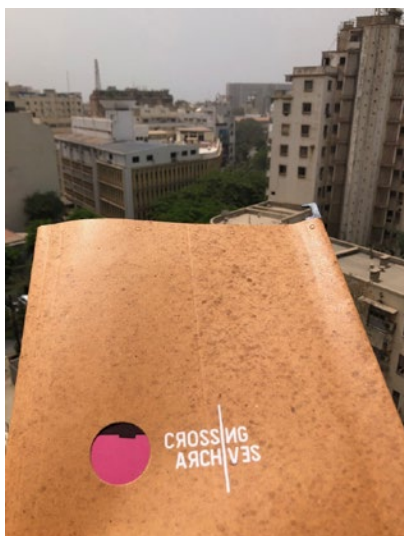
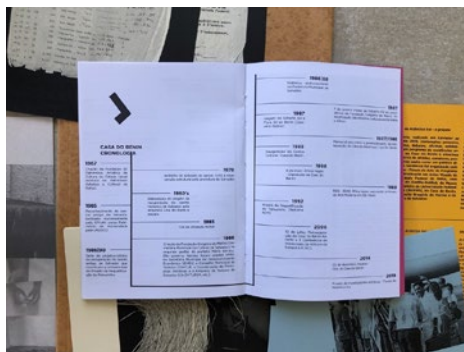
<https://forumdearteintervalo.wordpress.com>  
<https://dunaeditora.myportfolio.com/nkaringana>

## Descrição

O que significa dialogar com acervos de arte e cultura material africana localizados no Brasil? Quais deslocamentos a arte contemporânea pode provocar ao propor a desconstrução e a recombinação de histórias de passados, presentes e futuros?

Com estas perguntas nós nos debruçamos sobre os acervos do Museu Afrobrasileiro da Universidade Federal da Bahia e na Casa do Benin, ambos situados em Salvador, durante 2019 e 2020. Assim, criamos a obra crossing archives, que é um trabalho “em processo” e registra algumas das nossas investigações artísticas realizadas a partir de documentos, materiais, objetos, histórias e espaços. Com esta obra, participamos da 14a Bienale de Dakar, no Senegal, em 2022.





Título: crossing archives  
Artista: Fluxos do Atlântico do Sul  
Técnica: instalação de vídeos e mesa de processos  
Ano: 2022

# Flecha

Guilhermina Augusti

A obra “Flecha” emerge da necessidade em se pensar e sedimentar outros rumos para as vidas negras e atreçadas neste mundo gerido pela colonialidade. Enquanto objeto perfurante afeiçoado ao corte, a flecha abre caminhos ao atravessar com desmedida velocidade tudo àquilo que se impõe obstáculo em seu percurso errante; enquanto seta, aponta para a infinidade de possibilidades existentes de ser e estar no mundo que não sejam aquelas impostas pela maquinaria colonial. Nesse movimento robusto, propiciado pelo exercício de imaginações radicalmente desviantes ao complexo colonial, o que se busca num primeiro momento é a derrubada do mundo como tal e de suas tentativas de auto preservação e reprodução; aqui a noção de “quebra” serve enquanto definidora desta ação. Já em um segundo momento, coloca-se em prática a ideia de “fuga”, a mesma que assegurou, desde o advento do mundo moderno colonial, a preservação de vidas, práticas, organismos e epistemologias dos sujeitos lançados ao abismo.

A quebra é caracterizada pelo desejo bélico de destruição e a consequente eclosão de algo por vir: um outro mundo, erguido contra os anseios totalitários e mortíferos do mundo ocidental em todas as suas instâncias, plenamente consciente que tal mobilização só é possível pelo desligamento total com toda e qualquer marca deste “então mundo”. Com a “fuga”, propomos a abertura e difusão de rotas que nos permitam estabelecer esse “desligamento” impregnado as cartografias coloniais com passos sísmicos e calculados criando, em suas entranhas e fissuras, lugares nos quais as imaginações e imaginários fugitivos possam proliferar permanentemente. O trabalho em questão se apropria dos dispositivos fabulatórios desenvolvidos pelos teóricos do que tem sido chamado de “Pensamento negro radical” ou “Estudos radicais negros”, para fornecer as bases epistémicas e conceituais do projeto.

Me aproximo dos trabalhos desenvolvidos por artistas negros brasileiros como Rubem Valentim, Abdias do Nascimento, Yedamaria e Emanuel Araújo, nomes importantes para se pensar procedimentos de fuga em prática no campo das artes. Ao fazer isso, “A flecha”, objeto marcadamente geométrico, questiona, assim como alguns desses artistas fizeram, o racionalismo europeu importado por artistas concretos e abstratos a partir da segunda metade do século passado no Brasil. Com Rubem Valentim, a abstração geométrica toma outro lugar ao resgatar marcas, signos e símbolos do imaginário religioso afro-brasileiro. Para o artista, a geometria se torna um meio e não um fim em si, a rigidez do “racionalismo” preconizado pelos concretistas ofereciam os instrumentos práticos para construção de sua poética, entretanto, uma racionalidade que pretende se desligar do mundo e dos aspectos sensíveis da vida humana não pode dar conta da gama de referentes que suas pinturas carregam. Contra as “formas e cores e puras”, o trabalho desses artistas estabelecem novos paradigmas para se pensar a abstração nas artes brasileiras e ao mesmo tempo nos colocam em diálogo com um projeto radical que busca questionar as políticas de representação e os discursos generalizantes e essencialistas que buscam alocar a produção e o artista “negro”. Reivindico as cores e formas de Valentim, Abdias e Yedamaria, como dispositivos conceituais de extrema importância para a obra em questão. Fugir desse mundo implica em não cair nas armadilhas que este criou e continua a criar na tentativa de aprisionar a poética de artistas negros e racializados. É ir contra toda tentativa de captura implementada pelo sistema de arte e tornar-se “não mapeável” como aponta Juliano Gadelha, fazendo com que toda rota de fuga seja reconhecida apenas por um outro sujeito fugitivo.

“A flecha” dribla e se comunica com Racial na medida em que pensa o “impossível” sem ceder às “ficções de poder” engendradas pelo mundo Moderno/Colonial. Pensar o “negro”, personagem mítico do imaginário branco, é efetuar uma ação da ordem do “impossível” pois é um movimento que se faz na prontidão da falha, um esforço contínuo em direção à um objeto indizível que se pretende



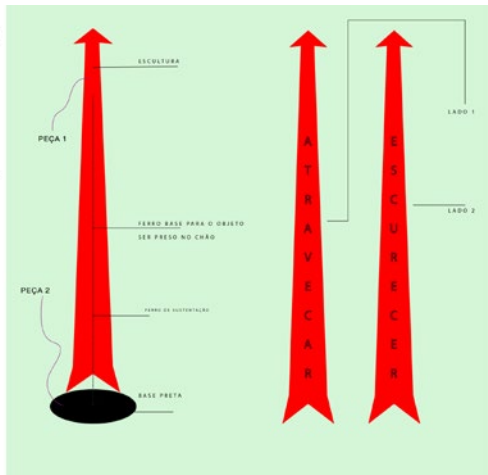
desmobilizar. Nenhuma pessoa preta pode escapar do buraco negro que é essa força que acompanha sua sombra, forjada na inabalável capacidade descritiva, uma força escura, uma região no espaço-tempo em que o campo gravitacional é tão intenso que nada – nem a luz/branca – pode evitar, é dessa forma impossível que somos.

#### VIABILIZAÇÃO PROPOSTA 1

A escultura intitulada “flecha.” Com duas palavras sublinhadas sobre sua extensão, sendo estas “ATRAVEÇAR” e “ESCURECER”.

**MATERIAL:** Ferro ou ácrilico em espessura grossa.

**NUMERO DE PEÇAS:** 2

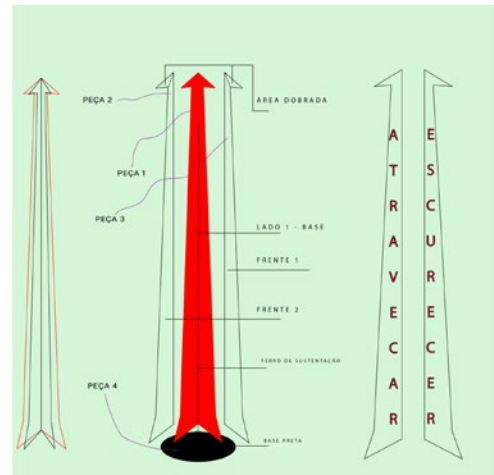


#### VIABILIZAÇÃO PROPOSTA 2 (PRIORIDADE)

A escultura intitulada “flecha.” Com duas palavras sublinhadas sobre sua extensão, sendo estas “ATRAVEÇAR” e “ESCURECER”.

**MATERIAL:** Ferro ou ácrilico em espessura grossa.

**NUMERO DE PEÇAS:** 4



Título: Flecha  
 Artista: Guilhermina Augusti  
 Técnica: escultura (descrição, esboço)  
 Dimensões: 4 metros de altura  
 Ano: 2022

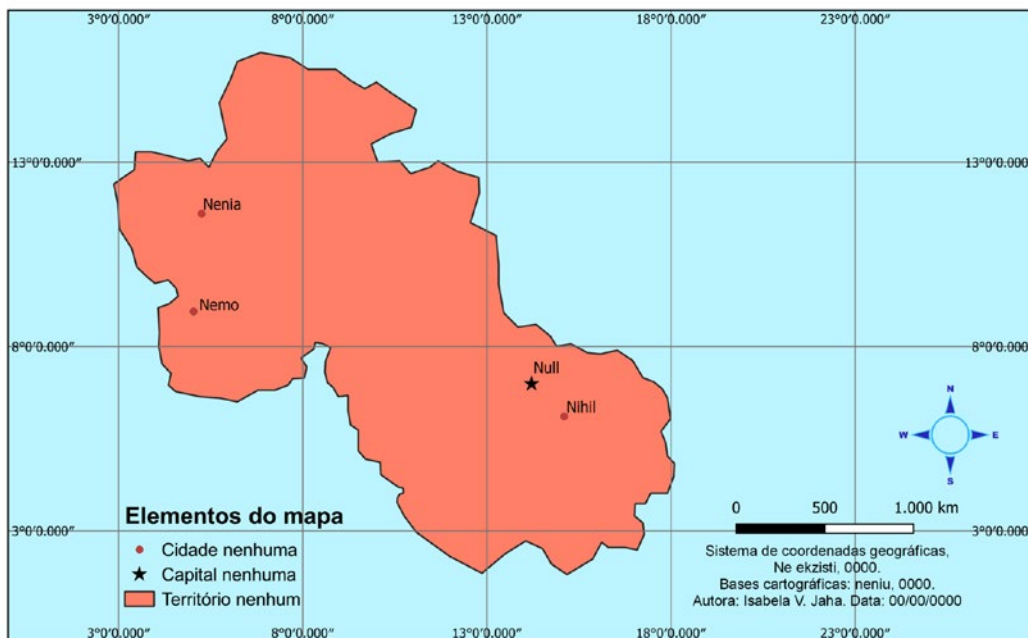
# Cartografias virtuais

Isabela Jaha

“Cartografias virtuais” é baseada em relações de território, georreferenciamento e colonialidade. As três imagens produzidas se referem a um país – Neníesistão – inventado pela artista, que não existe e que, portanto, é impossível de ser descoberto, explorado e colonizado. Este tríptico parte da premissa que toda porção de terra, transformada em território, é resultado de relações de posse e poder; cria-se uma linha imaginária em um determinado espaço da Terra, e a partir dela são realizadas

diplomacias, burocracias e, mais do que tudo, usos de recursos presentes na delimitação desse território específico. “Território” nada mais significa que uma área delimitada que está sob a posse de algo ou alguém. Por isso, o que conhecemos por “território” é uma invenção humana, e assim são criadas tensões geopolíticas entre nações, que podem se submeter até a conflitos armados para conquistar recursos e/ou outros territórios.

## NENIESISTÃO

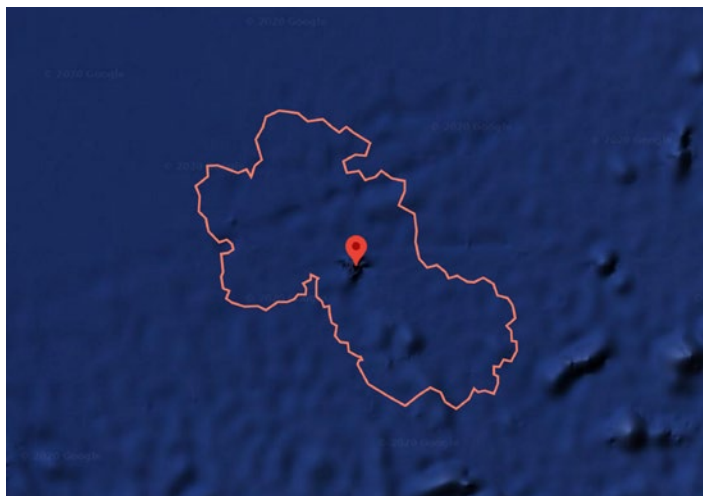


Título: Cartografias virtuais  
Artista: Isabela Jaha  
Técnica: Vetorização e intervenção em imagem digital  
Dimensões: 2 imagens de 1392×963 px e 1 imagem de 1392×984 px  
Ano: 2022



A criação de um país que não existe se torna, aqui, uma maneira de subverter a linguagem da cartografia e os conceitos de demarcação e posse. Etimologicamente, “Neniesistão” surge dos termos Nenies – que significa “de ninguém” em esperanto – e “Istão” – sufixo utilizado por diversos países da Ásia, que significa “lugar de”, “território de” etc. -, que se traduz como “Território de Ninguém”. Criar uma demarcação de terra inexistente é, também, ressignificar nosso entendimento pelas linhas imaginárias; neste caso, é entendido que, como todo território é demarcado por uma linha imaginária, e que posteriormente essa linha é georreferenciada através de softwares de mapeamento – como o Google Earth e aplicativos de GPS – todos nós temos a potência de criar uma linha imaginária, mesmo que essa linha criada de fato não exista, até porque, materialmente falando, não existe nenhuma dessas linhas na natureza; a propriedade é uma invenção humana.

Em “Cartografias virtuais”, Neniesistão está localizado nas coordenadas 0°00′00.0 N 0°00′00.0 E, ou seja, no “ponto zero” do Planeta Terra. A região é tão instável que o GPS nos redireciona para a porção de terra mais próxima. A bandeira do país é uma homenagem ao único elemento realmente presente no “ponto zero” da Terra: uma boia. O triângulo da bandeira faz referência ao Triângulo das Bermudas, uma área que existe, porém demarcada por um triângulo imaginário. A demarcação da linha imaginária de Neniesistão é resultado de um estudo de diversos “formatos” de ilhas diferentes ao redor do globo terrestre. As cidades inexistentes mais relevantes de Neniesistão foram batizadas por termos que significam “nenhum” ou “nada” em esperanto e em latim, uma língua artificial e uma língua morta.



# PORTAIS

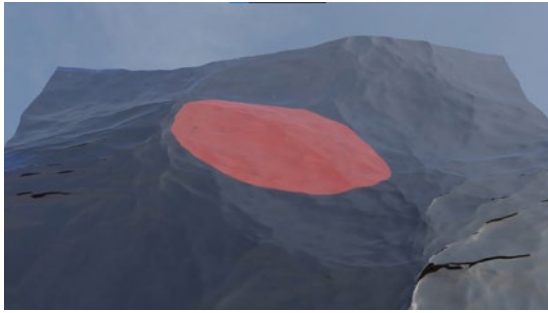
Jaíne Muniz



Com intuito de aplicar movimento às minhas pinturas, utilizei de um programa de criação 3D (Blender) para desenvolver imagens animadas. O vídeo PORTAIS é composto por essa série de imagens que atribuem forma e movimentação à pintura enquanto a mesma paira no ar sob um fundo hdri que reproduz uma paisagem de uma clareira no meio da floresta.

A abstração em minhas pinturas sempre esteve relacionada à forma que enxergo as nuances dos elementos naturais que me cercam e as sensações que tais elementos provocam, remetendo a mim uma outra dimensão do ver e do sentir. O nome dado ao trabalho, "PORTAIS", surge com o processo de criação do vídeo. A partir do momento que a forma ganha movimento através de um comando do programa, é como se as outras dimensões presentes na imagem das pinturas se abrissem como portais para que fosse possível acessá-las





A utilização de um programa digital para desenvolver o vídeo dialoga com a construção de uma imagem artificial. Os elementos presentes no vídeo possuem a sua materialidade própria, porém, quando empregados em conjunto para criar as cenas, deslocam sua visualidade da realidade que vivemos. A imagem estática da floresta ao fundo e os sons próprios daquele ambiente são as únicas coisas que fundamentam a realidade presente que é colocada em tensão com a aparição dos mencionados “portais”. Nesse momento, a materialidade da pintura se esvai, retirando sua imagem de seu suporte, e com o uso da tecnologia, amplia suas possibilidades narrativas.



**Título:** PORTAIS  
**Artista:** Jaíne Muniz  
**Técnica:** Vídeo  
**Dimensões:** 3'28"  
**Ano:** 2022

# Projeto-Livro

## «Estudo para a

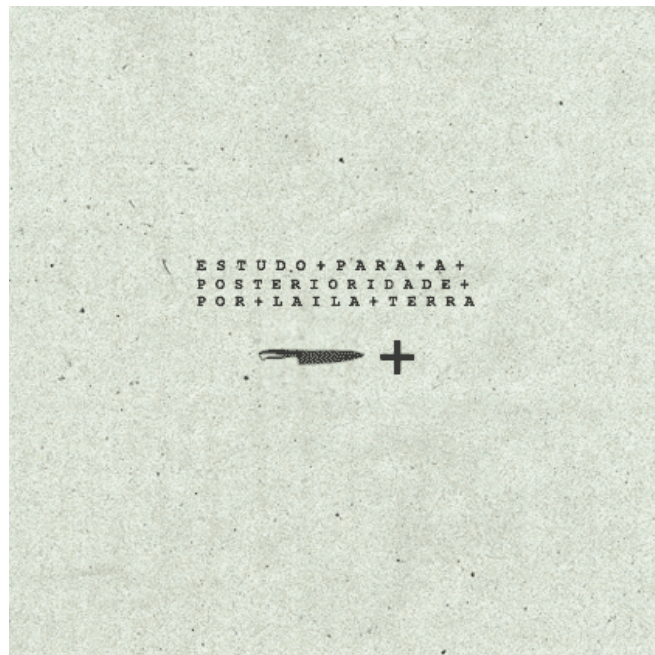
## Posterioridade»

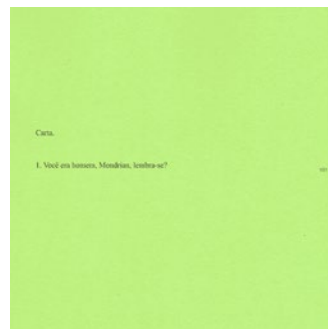
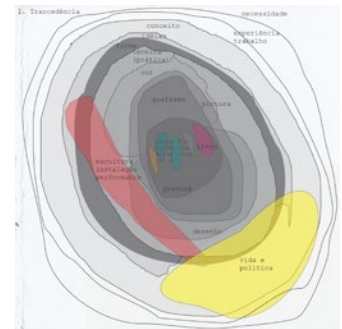
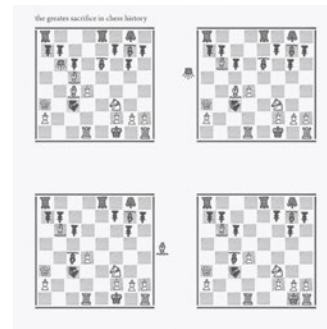
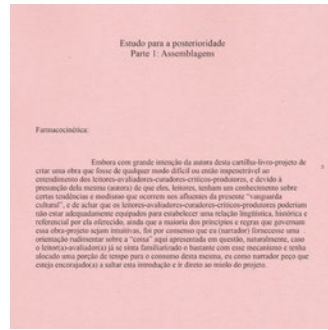
Laila Terra

O livro-projeto «estudo para a posterioridade» surgiu há aproximadamente 15 anos. Em um momento de frustração com as instituições do campo das artes visuais, iniciei esse “projeto-caderno-cartilha-pesquisa-aion”, em que o resultado nunca foi seu meio. Neste primeiro momento, 15 anos atrás, iniciei uma construção textual a partir de textos de outras autoras para questionar de forma cômica a estrutura formal da história da arte e de suas instituições.

Hoje, o livro é constituído por 5 capítulos distintos e 172 páginas. Cada uma destas partes foram produzidas e editadas em momentos diferentes durante este período de 15 anos.

Considero o “Estudo para a Posterioridade” um caderno de anotações num perpétuo devir. Se utilizarmos os conceitos de tempo da Grécia Antiga, Cronos e Aion; o tempo como khrónos é geração e morte. Na mitologia grega, Khrónos é apresentado como o deus que gera e devora seus filhos, isso sugere uma dinâmica na ordem mesma das coisas, de todas as coisas, Cronos era inseparável da circularidade e dos acidentes desta circularidade como bloqueios ou precipitações, explosões, desencaixes, endurecimentos, enquanto Aion é o lugar dos acontecimentos incorporais e dos atributos distintos das qualidades. Cronos era inseparável dos corpos que o preenchiam como causas e matérias, Aion é povoado de efeitos que o habitam sem nunca o preencher. Enquanto Cronos era limitado e infinito, Aion é ilimitado, como o futuro e o passado, mas finito como o instante. O livro percorre esse tempo que nunca se preenche, em um estado constante de mudanças, de devir, ou então, em um estado constante do projetar, do virtual, da posterioridade que nunca cessa a chegar. O livro é Aion, que se estende em linha reta, ilimitada nos dois sentidos. Sempre já passado e eternamente ainda por vir. O livro-aion é das perspectivas, da participação intransferível do sujeito no contínuo do tempo.





Título: Projeto-Livro «Estudo para a Posterioridade»  
Artista: Laila Terra  
Técnica: cartilha-livro-projeto  
Dimensões: 14,85x 14,85 com 172 páginas  
Ano: 2022

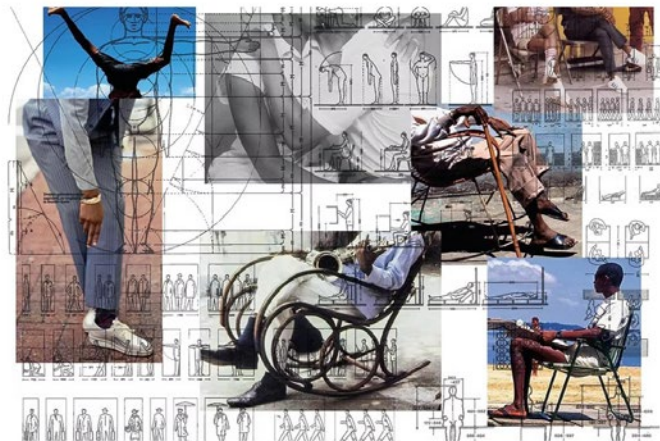
# antropometria para arquitetura contemporânea

Marcus Deusedit

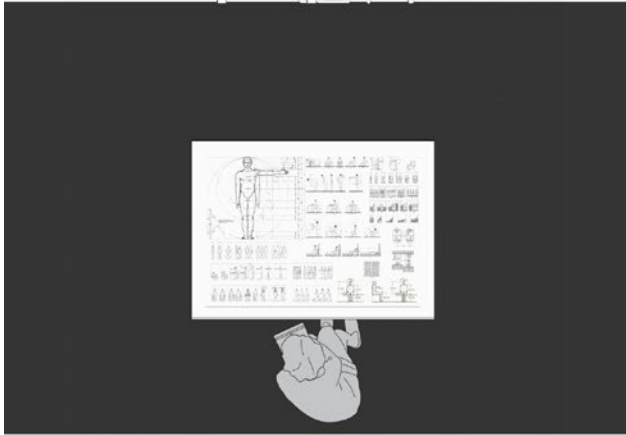
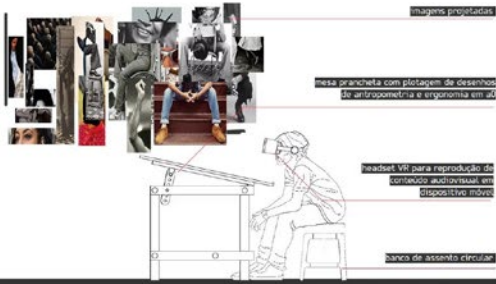
“antropometria para a arquitetura contemporânea” é um projeto de instalação e de uma publicação que utiliza da realidade aumentada como tecnologia para criar camadas de composição e justaposição que atualizam desenhos de antropometria e ergonomia clássicos estudados na arquitetura e no design como parâmetros para o projeto na escala do corpo.



## antropometria para arquitetura contemporânea

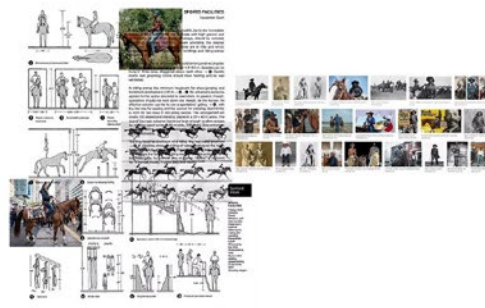


ótimas mas que se conectam por respatarem e atualizarem sonoridades dissonantes.



Como desdobramento do projeto de instalação, "Neufert Architects' Data - Revised Edition" é um projeto de publicação que parte do mesmo princípio de acessibilidade para reunir uma das publicações mais clássicas de arquitetura.

Partindo da proposta de atualização, a publicação situa-se entre o físico e o digital, produz justaposições que tornam possíveis e fáceis dentro do mesmo universo da mídia, permitir que o conteúdo técnico do livro se expanda para um universo de representação de corporeidade e difunda-se fora do discurso de neutralidade, criando um diálogo entre seu conteúdo e outros universos estéticos.



Título: antropometria para arquitetura contemporânea  
 Artista: Marcus Deusdedit  
 Técnica: Proposição digital de projeto de instalação e publicação físico-digital  
 Ano: 2022

# deslocamento norte - sul: encontro com o morro do quilombo

Maurício Igor

Minha pesquisa atual envolve o corpo afro-amazônico em deslocamento. O que e como afeta e é afetado por onde transita.

Quando estava em Belém, iniciei o processo de organização para me mudar para Florianópolis, em decorrência de aprovação no mestrado em artes visuais na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), meu intuito era morar próximo da Universidade e pelo menor preço possível.

Depois de alguns dias na nova moradia, vi o ônibus que descia o morro e o nome da rua numa placa, então percebi: eu morava no morro do quilombo. Fiquei curioso com o nome em um lugar tão branco.

Passei a ficar atento em algumas relações no meu cotidiano. No morro, vejo maioria de pessoas pretas. Meus vizinhos, mães e pais levando filhos para escola, casas, famílias..., mas quando desço para a universidade vejo maioria de pessoas brancas. Na pós-graduação conto nos dedos a quantidade de alunos negros e no quadro de professores não há nenhum.

A partir de histórias orais dos moradores e alguns arquivos históricos, iniciei um processo de realidade-ficção sobre o morro. Um dos moradores me disse que o bairro, Itacorubi, foi criado em cima de mangues, por esta razão, devido ao difícil acesso, ex-escravizados conseguiram fugir, o que seria o início do quilombo. Nesta convocatória apresento dois processos: verbete para amanhã e o morro se sobe em zigue zague.





MORRO DO QUILOMBO

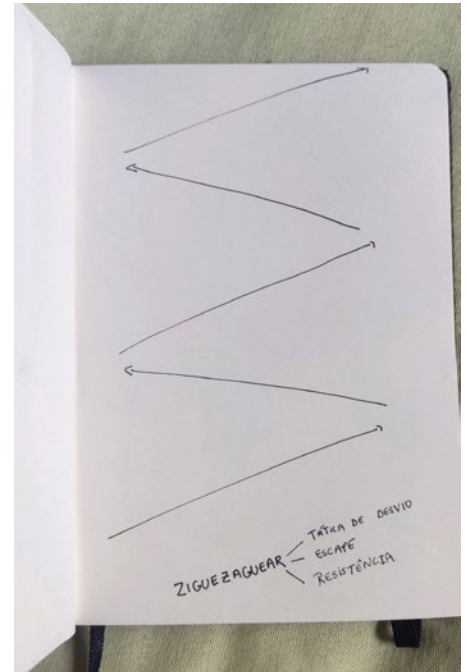
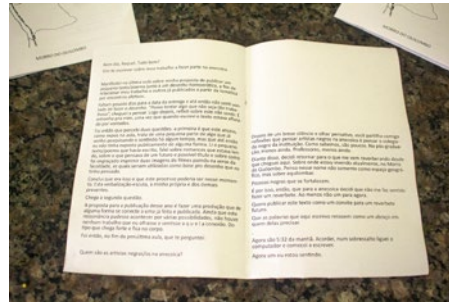
## Verbetes para amanhã

desenho e folheto

Durante disciplina no mestrado em Artes Visuais na UDESC, ministrada pela professora Raquel Stolf, foi proposto aos discentes que fizessem uma proposição baseada em alguma outra já publicada na publicação-audioteca Anecoica. Desse modo, faço uma produção que ressoa enquanto proposição futura, num processo preciso e em aberto, o qual indica um gesto de inflexão/dobra que aponta uma urgência, mas também acolhidas e fortalecimentos (aquilombar).

Como forma de espalhar esta ideia/desejo/aliança pela cidade, proponho folhetos que possam ser levados por visitantes em uma possível instalação.

Folhetos no tamanho no tamanho 10,5 x 14,85 cm



O morro se sobe em zigue zague  
anotações, desenhos, frames de vídeo, trechos de escritos

Neste processo, continuo a linha conceitual de pesquisa ao pensar o morro do quilombo e seu histórico permeado por mangues, fugas e resistências. Segundo alguns pesquisadores, durante fugas, alguns ex escravizados zigue zagueavam nas florestas para despistar os capitães-do-mato. Tal prática também aparece na conhecida canção escravos de jó, na qual um dos trechos apresenta que “guerreiros com guerreiros fazem zigue-zigue-zá”.

Somado a isto, via conhecimento popular se afirma que se a subida de um morro for muito íngreme e a largura da via e o tipo de terreno permitirem pode-se optar por subir em zigue zague. Vai demorar mais para terminar a subida, porque a distância a percorrer vai aumentar, mas a inclinação relativa diminui, o que em subidas muito fortes pode ser vantajoso.

Assim, aliando formas de fugir a facilidades para subir o morro, performo a subida em zigue zague ao som de berimbau, evocando a capoeira, uma manifestação da arte e da cultura afrobrasileira, que em sua origem era utilizada como forma de defesa na fuga de

cativeiros por negros escravizados.



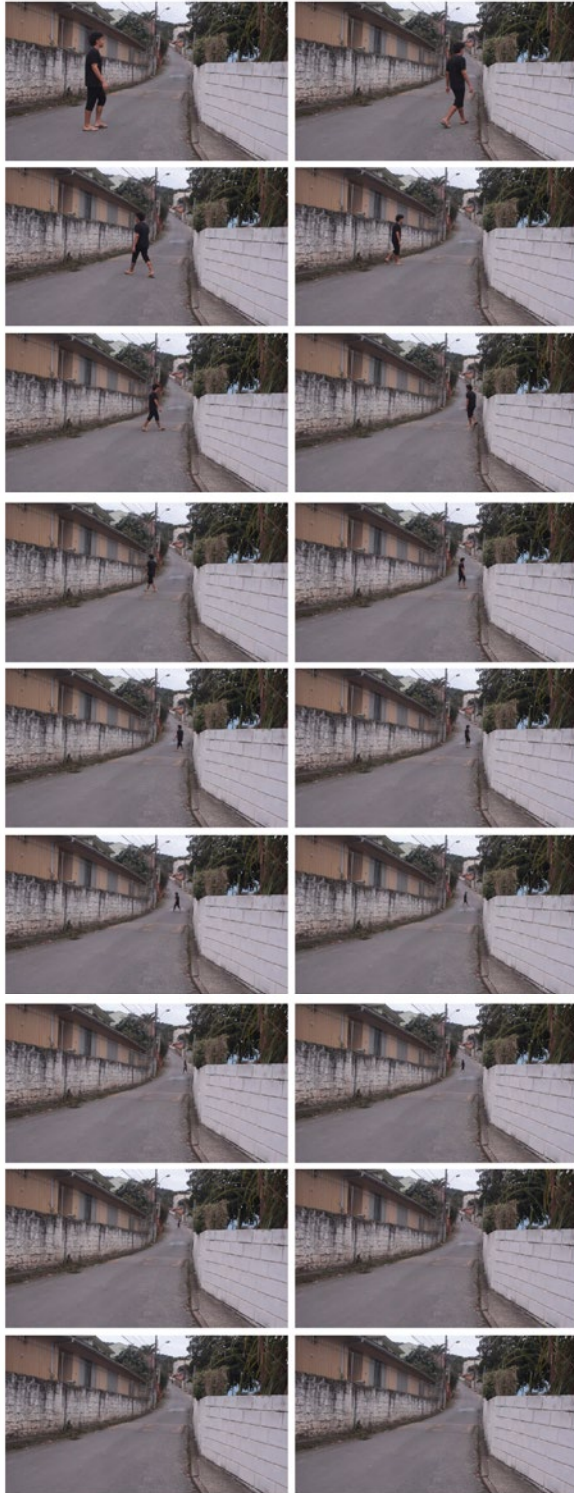
foram uma opção para os cativos em momentos de crise ou quando almejavam uma mudança mais drástica em suas vidas. Seja de forma permanente ou de passagem, os quilombos representavam um abrigo geralmente seguro, onde o escravo fugido encontraria outras pessoas na mesma situação que a sua e poderia trocar experiências e aumentar sua rede de socialização. Na Ilha de Santa Catarina também os quilombos aparecem em vários documentos policiais, judiciais e administrativos, geralmente como um problema a ser combatido.

Seguindo essa linha de pensamento, Silva nos mostra os diferentes lugares para onde fugiam os escravos. Até meados do século XIX predominavam as fugas para fora, para lugares de difícil acesso: o sertão, a mata fechada, montes e mangues. Contudo, o crescimento urbano, a ampliação do mercado livre de trabalho e, principalmente, mudanças na mentalidade coletiva com a difusão de idéias abolicionistas consolidaram uma alternativa forte para as fugas. Essas se voltam para dentro, para o interior das próprias cidades onde há facilidades de comunicação, contatos e uma dimensão política

Pelo escravo que se apanhar de Caiacanga, Freguesia da Lagoa, de São José, Cacupé.....	2\$560
Por cada escravo ribeirinho que se apanhar desde o Saco do Itacorubi, Rio Pirajubaé pelo Morro da Vila.....	1\$280
Pelo escravo que se apanhar até a Igreja da Cachoeira Manoel de Piar Caiacangaçu.....	3\$200
Pelo escravo que se apanhar desta paragem, Cª forra e de Barra de Dentro.....	5\$000. <sup>30</sup>

Desde meados do século XVIII há os primeiros indícios de que as fugas de escravos e os quilombos já criavam problemas para as autoridades da Ilha de Santa Catarina. Segundo o Registro de Provisões da Câmara de Desterro, do ano de 1751, que regularizava os valores a serem pagos pela captura de escravos fugitivos, os quilombolas eram responsáveis por roubos, mortes e perturbações, devendo ser combatidos. Tamanho era o problema criado pelos quilombolas que foi instituído o cargo de Capitão do Mato, com o intuito de diminuir as fugas e recapturar escravos fugitivos. De acordo com Sílvia Lara, a determinação do cargo de Capitão do Mato era





Título: deslocamento norte - sul: encontro com o morro do quilombo  
Artista: Mauricio Igor  
Técnica: Folheto e fotografias  
Dimensões: Verbete para amanhã: 10,5 x 14,85 cm | O morro se sobe em zigue zague: dimensões variáveis  
Ano: 2022

# XAWARA

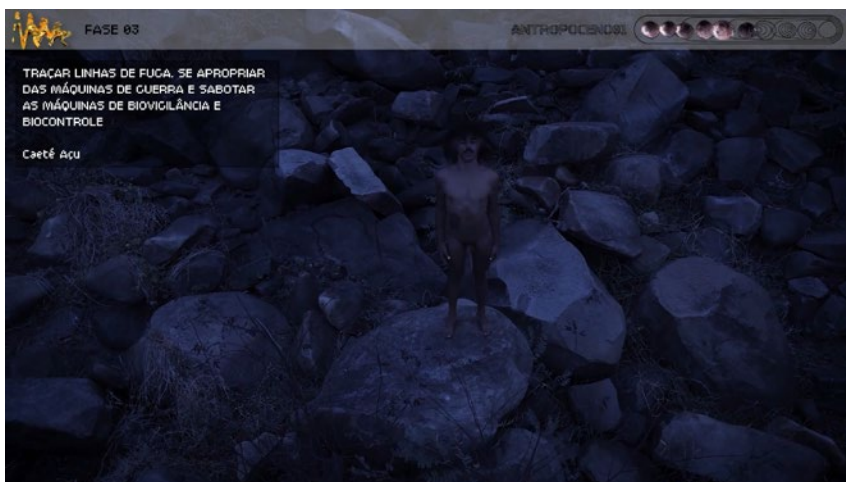
# HESI

Meujaela Gonzaga



“Xawara hesi” na língua yanomami significa “roupa que provoca doença contagiosa e mortal”. Uma dança que revisita epidemias e xawaras (doenças) antigas que duram mais de 500 anos. Um game que se passa no território indígena Pindorama (Brasil) onde a avatar veste essa xawara hesi e mergulha em uma corrida de retorno na tentativa de romper a sucessão de quedas do antropoceno. O objetivo do jogo é traçar linhas de fuga, se apropriar das tecnologias de guerra e sabotar as máquinas de biovigilância e biocontrole. Quais estratégias de sobrevivência são necessárias para se mover em um mundo colapsado? Como aceitar a queda do mundo como nos foi dado como forma de cura?

A queda como ritual de transmutação. Como aceitar o fracasso e seguir em correnteza no movimento de destruição da ficção criada por eles? Entre realidade virtual e sonhos o corpo aqui caminha no movimento de reprogramar essa sentença de Fim.



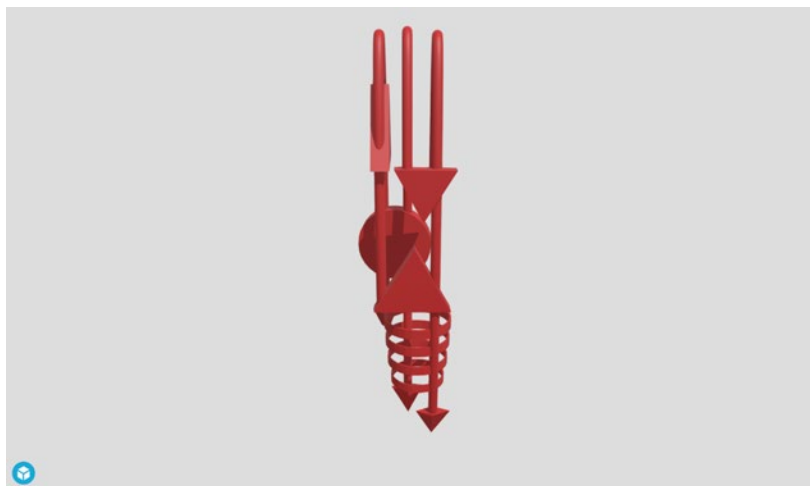
Título: XAWARA HESI  
Artista: Meujaela Gonzaga  
Técnica: Vídeo  
Dimensões: 10'01"  
Ano: 2022

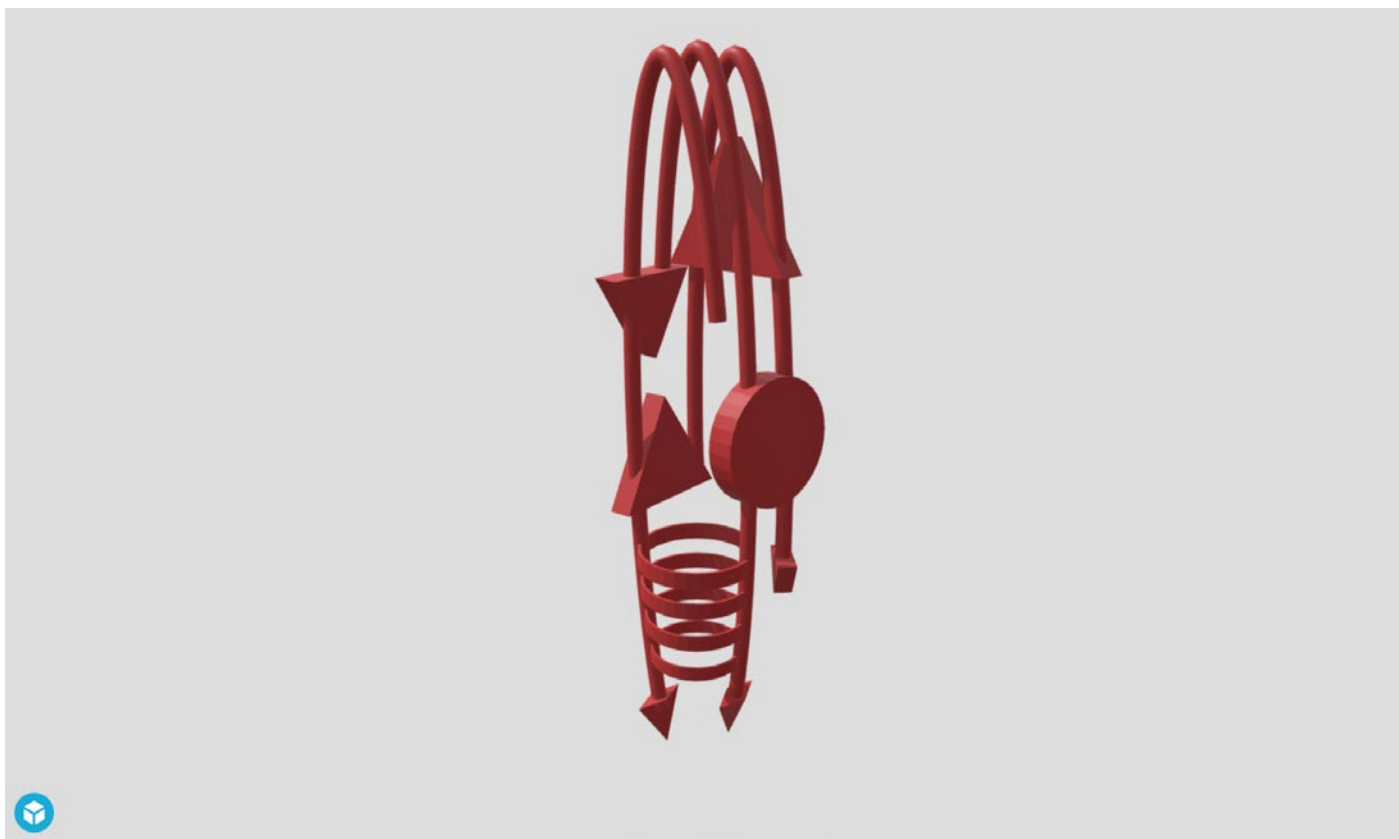
# CÍRCULO E TRIÂNGULO

Natan Dias

As obras Círculo e Triângulo, são resultado de minha observação sobre o construir e fluxos do corpo no espaço. Através de reflexões sobre a mudança da matéria seja por combustão, evaporação, atrito e outras forças de corpo no espaço. Fica evidente nessa peça um indicativo de flutuação que não corresponde ao fogo ou água mas sim a gravidade zero. Talvez tenhamos que reajusta-la num futuro possível para sua concretização.

Talvez tenhamos que pensar se o futuro já não esta entre nos através da virtualização, essa peça tem um movimento de circularidade seja de baixo para cima ou de cima para baixo pelas linhas, além de apontamentos de transito através das geometrias triângulos com pontas para baixo ou também para cima. Esse transito de movimento que a peça indica nos coloca a pensar também num movimento de martelar, serra ou seja construir ou desconstruir.





Título: **Círculo e triângulo**  
Artista: **Natan Dias**  
Técnica: **Modelagem 3D**  
Ano: **2022**

# Ficção

# Vermelha

Sophia Pinheiro

“conheci sua mãe depois que ela voltou  
da União Soviética.  
ela fez uma festa à fantasia na casa dela”  
assim você me disse,  
assim eu espremo os cravos nas costas de  
minha avó  
cravos tão profundos  
habitantes de buracos  
que tiro com delicadeza, algodão e álcool  
para não marcar  
mas eles sempre voltam  
no mesmo lugar  
como tudo o que você me disse  
fiz massagem com arnica nos pés de  
minha avó  
desinchou,  
mas o inchaço sempre volta  
como tudo na memória  
eu conheci minha mãe depois que ela

voltou da União Soviética  
nós estávamos juntas  
à deriva  
numa jangada remada por ela “mais” eu  
ela me dizendo: “você precisa ter sintonia!”  
parei  
porque eu sempre paro quando alguém me  
diz o que fazer  
eu parei deitada  
à deriva  
olhando da barriga dela o céu fundindo na  
cabeça  
os olhos cantando:  
“zum, zum, zum, lá no meio do mar  
zum, zum, zum, lá no meio do mar  
é os vento que nos atrasa  
o mar que nos atrapalha  
para no porto chegar  
zum, zum, zum”  
— deve ser por isso que eu  
gosto de máscaras  
y fantasias



o ano é 3086

as imagens são de 1100 anos atrás, de uma formação oferecida pelo partido comunista brasileiro na URSS, são apresentadas em um projetor soviético.

aqui tudo é deserto. a céu aberto. dormimos em redes penduradas nos cristais que nascem da terra. chove uma vez por ano. adaptamos vestimentas em tanques que conseguem armazenar água da chuva. os poucos rios estão a muitos quilômetros, são três ao todo. atravessamos com as serpentes a terra árida, onde as árvores entram em autocombustão e depois renascem.



guardamos nossas pequenas coisas valiosas enterradas.

desenterramos em alguns lugares para tentar encontrar outros guardados.

pegar para si, assim sobrevivemos.

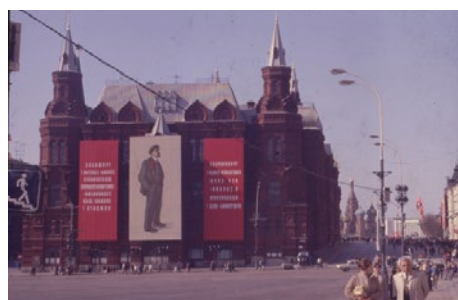
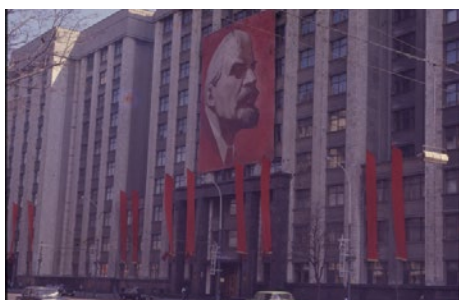
em uma dessas escavações encontrei uma mala.

nela, haviam alguns pedaços de plástico com imagens.

cadernos, papéis. de uma língua morta.

traduzi pelo meu sistema ocular.







foi em 2012, quando comecei a desenhar em cima das projeções.

substantivo feminino: mecanismo pelo qual o ser humano atribui a outra pessoa seus próprios sentimentos e motivações.

em perspectiva, senti que era preciso

se afastar do sonho de minha mãe

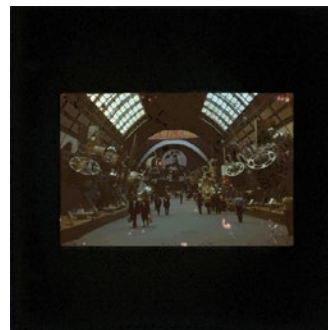
sem me afastar dela



decidi habitar no equívoco. talvez aceitar

que a tradução não é uma tarefa de simples arrumação, de guardar o novo em velhas gavetas, mas que envolve um efetivo remanejamento.

essa é uma estória inacabada de nós mesmas. nossa utopia vermelha.



Título: Ficção Vermelha  
Artista: Sophia Pinheiro

Técnica: fotografias em slide e áudio

Dimensões: dimensões variáveis; imagens em JPEG e áudio de 11min

Ano: 2022

Apoio



**SECULT**  
Secretaria Municipal  
de Cultura



Secretaria de  
Estado de  
Cultura



Patrocínio

